

MESA REDONDA LITERATURA E PAISAGEM: CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL, MUNDO VIVIDO À MARGEM, LUSOFONIA REVISITADA

LUGARES SEM NOME | POEMAS-PAISAGENS E PAISAGENS-POEMAS.

A INSCRIÇÃO DO (IN)VISÍVEL NO MAPA DA LUSOFONIA

Ana Salgueiro

CECC-UCP e UMa-CIERL

“Era uma vez uma janela onde ninguém se podia debruçar para fora e nenhuma paisagem se podia debruçar para dentro [...] um pequeno crime irónico, por um tal Marcel Duchamp. [...]. A poesia não habita apenas os livros de poemas, nem se abre só a intenções. Está por aí, pelo mundo, distraidamente em recantos a que por hábito não se apela. Que mãos inteligentemente cuidadosas caminh[e]m até esses recantos e no-la tragam”

Herberto Helder (1972), “Museu do Café” in *Notícia - Semanário Ilustrado*, Luanda

Partiremos de duas questões que acompanharão a epígrafe que aqui tomamos a Herberto Helder: (1) que mundo(s) diz e constrói o nome Lusofonia? (2) que contributo pode dar o estudo da paisagem em literatura e nas artes visuais para a (tão necessária) revisão crítica da cartografia desse vasto, denso e fragmentário território geopolítico e cultural? A estas, juntaremos uma outra *pergunta-surpresa*, mais frequente do que seria de esperar, quando, em contexto académico de Estudos Lusófonos, se apresenta trabalho sobre a obra de autores madeirenses: (3) na Madeira também há literatura e outras formas de criação artística?! Complexo, multimodo e polifónico como qualquer outro, o sistema literário da Madeira apresenta fragilidades. Estas decorrem, em grande parte, da reduzida dimensão do seu espaço cultural (por vezes excessivamente endogâmico) e, sobretudo, da cesura que o carácter insular do seu território assume e que as suturas político-administrativas ainda não sanaram, condicionando grandemente quer a circulação transinsular dos textos escritos/editados no arquipélago, quer a manutenção de um profundo desconhecimento nacional, internacional e até regional sobre a Madeira e as *vozes-olhares de dentro* que a dizem. Catalogada a nível europeu como uma região ultraperiférica, esta etiqueta marginalizadora acompanha a tendência para reduzir o sistema literário madeirense a um regionalismo anacrónico de pendor realista ou ufanista, que, na verdade, silencia parte considerável da densidade cultural e literária do arquipélago, assim transformado acriticamente num quase vazio antropológico ou numa paisagem superficial, anacrónica ou quase invisível. Recorrendo à reflexão teórico-conceptual de autores como Yi-Fu Tuan ou Anne Cauquelin, analisaremos a obra topofílica de Teresa M. G. Jardim (Funchal, 1960), poetisa e artista plástica, em cuja obra o reiterado encontro entre palavra e imagem constrói paisagens literárias e visuais quase sempre

anónimas, apesar de nelas se intuir o eco quer das texturas paisagísticas insulares, quer de vozes e imagens de outros autores. O que nos ensina a obra poética e visual de Teresa M. G. Jardim sobre o que é uma paisagem? Que mundos nos são dados a conhecer nessa obra e em que medida as paisagens anónimas aí construídas discutem representações estereotipadas e acríticas da Madeira, inscrevendo no polissistema cultural da Lusofonia uma paisagem talvez menos nítida e exclusiva do arquipélago, mas que resulta da experiência efetiva dos seus lugares e do que estes inscrevem na subjetividade e no seu discurso literário e visual da artista.